



Em Busca do Espaço Perdido

Daniel Lisboa¹ – Hari Dali

¹ Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – PPGAV, Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Brasil;
E-mail: dalifilme@gmail.com

Resumo

Este artigo reflete sobre as transformações contemporâneas da experiência do tempo e do espaço em uma sociedade marcada pela aceleração tecnológica, pela cultura da conectividade permanente e pela economia da atenção. Partindo da observação do cotidiano urbano, discute-se como a lógica capitalista de produtividade e eficiência converte o tempo em mercadoria, reduzindo as possibilidades de contemplação, presença e convivência. Em diálogo com autores como Paul Virilio, Jorge Larrosa, Milton Santos, Francesco Careri, Paola Berenstein e a tradição filosófica taoísta, o texto argumenta que a velocidade da circulação de informações, imagens e estímulos produz uma crise de experiência, caracterizada pela substituição da vivência direta por suas representações mediadas por telas. São abordados conceitos como “tempo de rua”, “homens lentos”, “não-ação” (Wu Wei) e “telaplanismo”, entendido como a centralidade assumida pelas telas na organização da percepção contemporânea. O artigo defende que o excesso informacional e imagético compromete a atenção, favorece estados de ansiedade e empobrece a relação dos indivíduos com o espaço urbano e consigo mesmos. Como contraponto, propõe práticas de desaceleração, pausa, caminhada, meditação e ocupação do espaço público como formas de recuperar a experiência, ampliar a presença e reconstruir vínculos coletivos. Conclui-se que a principal crise da contemporaneidade não é a escassez de tempo, mas a perda do espaço necessário para permitir que algo efetivamente nos aconteça.

Palavras-chave: tempo; espaço; velocidade; experiência; informação; presença

Abstract

This article reflects on the contemporary transformations of the experience of time and space in a society shaped by technological acceleration, the culture of permanent connectivity, and the attention economy. Drawing from observations of everyday urban life, it discusses how the capitalist logic of productivity and efficiency turns time into a commodity, reducing opportunities for contemplation, presence, and social interaction. Engaging with thinkers such as Paul Virilio, Jorge Larrosa, Milton Santos, Francesco Careri, Paola Berenstein Jacques, and the Taoist philosophical tradition, the text argues that the increasing speed of information, image, and stimulus circulation has produced a crisis of experience, characterized by the replacement of direct lived experience with representations mediated by screens. Concepts such as “street time,” “slow men,” “non-action” (Wu Wei), and “screen-flatism” (telaplanismo) are explored, the latter referring to the central role that screens have assumed in shaping contemporary perception. The article contends that informational and visual overload undermines attention, fosters anxiety, and impoverishes individuals’ relationships with urban space and with themselves. As a counterpoint, it proposes practices of deceleration, pause, walking, meditation, and the occupation of public space as ways of recovering experience, deepening presence, and rebuilding collective bonds. It concludes that the central crisis of contemporary life is not the scarcity of time, but the loss of the space necessary for something meaningful to truly happen to us.



Figura 1. Chroma Key. Fonte: IA

1. E se você parar?

Outro dia, perambulando pela rua, percebi uma cena que já havia visto antes, mas que, por alguma razão, naquele momento me encantou. Um homem parado no centro da cidade. Parado mesmo, numa esquina, ao lado de um totem do McDonald's. Não esperava ônibus, não estava numa fila, não olhava para tela alguma. Apenas permanecia ali, imóvel, simpático e sorridente, enquanto a multidão apressada desviava como a água contorna uma pedra no leito de um rio. Ninguém lhe emprestava atenção. Ainda assim, sua simples presença interrompia algo. Seu corpo imóvel criava um pequeno ruído na coreografia invisível da produtividade que organiza os espaços urbanos contemporâneos. Quem o autorizou a parar? De onde vinha sua alegria?

Pensei: um homem parado é um homem suspeito. Na lógica do nosso tempo, todos devem estar indo para algum lugar, produzindo alguma coisa, consumindo ou, no mínimo, demonstrando estar ocupado. Quanto mais nos movimentamos mais propagamos a imagem de pessoas ocupadas e requisitadas, sem tempo a perder. A imobilidade passou a ser interpretada como fracasso. Talvez por isso estejamos tão cansados. Talvez por isso estejamos deprimidos. Aquele sorriso parecia guardar alguma sabedoria.

2. Tanto nada para fazer

Existe uma contradição difícil de ignorar na contemporaneidade. Nunca tivemos tantos dispositivos destinados a economizar tempo e nunca sentimos tanta falta dele. Pagamos contas pelo celular, pedimos comida sem sair de casa, encontramos qualquer endereço em poucos se-

gundos e nos comunicamos instantaneamente com pessoas do outro lado do planeta. Mesmo assim, seguimos repetindo a mesma frase: “não tenho tempo”. Onde está o tempo que nos prometeram? Talvez o problema não seja a falta de tempo em si, mas sim o que fizemos com ele.

O capitalismo sempre demonstrou uma extraordinária “fome” de expansão. Primeiro colonizou territórios. Depois colonizou corpos. Agora disputa algo ainda mais íntimo: nossa atenção. A antiga máxima segundo a qual “tempo é dinheiro” parece uma frase inocente, mas esconde uma transformação profunda na maneira como percebemos a existência. Quando o tempo se torna mercadoria, toda pausa parece desperdício. O descanso passa a exigir justificativa. A contemplação torna-se improdutiva. O ócio transforma-se em culpa. Não colocar o corpo a serviço da produção de lucro é uma ofensa às leis invisíveis do neoliberalismo. Afinal, o trabalho dignifica o homem, repetem, mas esquecem de dizer o quanto danifica a mente.

3. Perdidos nos achamos

Foi lendo o professor Francesco Careri que encontrei uma frase que desde então me acompanha como uma espécie de mantra: perder tempo = ganhar espaço. Careri recupera essa ideia dos *flâneurs* parisienses do século XIX, caminhantes que faziam da deriva uma forma de conhecimento. Eles haviam percebido algo simples e revolucionário: ao perder o rumo, ganhavam espaço. Encontravam ruas inesperadas, pessoas improváveis e territórios invisíveis aos olhos daqueles preocupados apenas em chegar ao destino.

Em *Caminhar e Parar*, Careri escreve: “Saber perder-se carrega consigo uma grande dissipação de energias e, sobretudo, de tempo. Mas é só perdendo tempo que se ganham Espaços Outros. [...] Apenas perdendo tempo pode-se ter um encontro com o Outro e com o Alhures.” (Careri, 2017). A frase me parece cada vez mais atual. Num mundo obcecado pela eficiência, perder-se tornou-se quase um ato de resistência.

Hoje fazemos exatamente o contrário. Carregamos GPSs capazes de calcular o caminho mais rápido entre dois pontos. Evitamos desvios. Eliminamos o acaso. Transformamos a cidade numa sucessão de trajetos eficientes. Chegamos mais rápido, mas certamente encontrando cada vez menos coisas pelo caminho. A aceleração diminui nossa percepção, nossa capacidade de permanência no espaço. Acelerados não convivemos; ultrapassamos os que nos cercam rumo a uma vitória solitária.

Perdemos o tempo e o espaço. Hiper orientados, seguimos sempre guiados. Sabemos exatamente onde estamos, mas cada vez menos compreendemos o lugar que ocupamos. Guiados por mapas, aplicativos e rotas otimizadas, atravessamos a cidade sem realmente habitá-la. A pressa nos impede de observar, refletir e até mesmo brincar com o mundo.

Penso que a sabedoria popular já sabia disso muito antes dos satélites e algoritmos. A pressa é inimiga da perfeição. Também da reflexão. Da contemplação. E, sobretudo, da diversão.

4. Ver tanto tudo para tanto nada ver

Essa obsessão pela eficiência produz um fenômeno curioso. Quanto mais informações acumulamos, menos experiências parecem acontecer. O pedagogo espanhol Jorge Larrosa escreve que “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (Lar-



Figura 2. Intervenção Urbana - Urban Tick. Fonte: Acervo Pessoal

rosa, 2002). A frase parece descrever perfeitamente a vida contemporânea. Ele continua em seu texto “Notas sobre a Experiência”: “A experiência requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar (...), aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (Larrosa, 2002).

Acompanhamos guerras em tempo real, conhecemos cidades que jamais visitamos, assistimos à rotina de pessoas que nunca encontraremos. Nunca soubemos tanto sobre tantas coisas. No entanto, raramente temos tempo para que algo realmente nos atravesse.

Larrosa insiste numa distinção fundamental: informação não é experiência. Informação pode ser armazenada, compartilhada e acumulada. Experiência exige transformação. Ela precisa de tempo para sedimentar. Precisa de atenção. Precisa de permanência. Talvez por isso estejamos tão saturados. Não por excesso de mundo, mas por excesso de representação do mundo. Anestesiados e atordoados criamos uma espécie de *presença ausente*, onde estamos sem estar, onde vemos sem ver, onde colaboramos sem participar.

5. Pratique log out

“Por isso, o sábio se realiza pelo interior e não pelos olhos.”

– Lao Tse

Uma antiga parábola budista conta que um professor, orgulhoso de seus conhecimentos, procurou um mestre Zen em busca de sabedoria. Enquanto o visitante falava sem parar sobre seus estudos, o mestre serviu-lhe uma xícara de chá. Mesmo depois de cheia, continuou despejando o líquido até fazê-la transbordar. Surpreso, o professor protestou: “A xícara está cheia.” O mestre respondeu: “Assim também está a sua mente. Como poderei lhe ensinar algo novo se não houver espaço para recebê-lo?” Penso nessa história quando observo nossa relação com a informação. Acumulamos notícias, imagens e opiniões sem cessar, como se conhecer fosse apenas armazenar. Mas uma mente saturada pouco aprende. Ao contrário do ditado popular, talvez a mente vazia seja justamente a oficina do iluminado.

Às vezes penso que nossa situação se parece com a de um sistema operacional onde disco rígido, o corpo, está cheio e a nuvem, o inconsciente, também. Falta espaço físico e virtual. Fotografias, vídeos, opiniões, notícias, lembranças, medos, traumas, desejos, notificações, abas abertas e empilhadas. Arquivamos compulsivamente uma quantidade absurda de coisas e depois nos perguntamos por que tudo parece meio travado. Não existe espaço para novos arquivos porque não existe vazio. Sem vazio não há memória disponível. Sem memória disponível não há criação, fluidez. Quem sabe precisemos menos de atualização e mais de desfragmentação. Menos armazenamento e mais esquecimento.

As tradições contemplativas orientais compreenderam isso há muito tempo. No Tao Te Ching há um trecho que diz que “bens de difícil aquisição tornam prejudicada a caminhada do homem”. Sempre achei essa imagem poderosa. Quanto mais possuímos, mais difícil se torna caminhar. Quanto mais carregamos, mais pesados ficamos. A frase fala de bens materiais, mas poderia falar também de informações, opiniões e imagens. Vivemos carregando uma mochila invisível repleta de excessos. Estamos curvados, hiperestimulados, baleados pela metralhadora imagética cotidiana e afogados na corredeira da vala antissocial. Não por acaso, nos almoços de família e nas conversas de fim de semana, repetimos as mesmas notícias, as mesmas imagens e os mesmos assuntos.

Penso nisso frequentemente nas quartas-feiras à noite, quando vou ao centro budista no Rio Vermelho. Durante cerca de uma hora, um pequeno grupo de pessoas simplesmente senta em silêncio. Não produzimos nem consumimos. Não respondemos mensagens. Não compartilhamos conteúdos. Apenas respiramos e observamos a nós mesmos. Se alguém observasse aquela cena de fora poderia concluir que estamos perdendo tempo. Mas talvez estejamos tentando recuperá-lo, reencontrá-lo, mesmo que minimamente.

O Wu Wei, conceito taoísta frequentemente traduzido como não-ação, não significa passividade. Significa agir sem compulsão. Significa interromper a necessidade permanente de preencher todos os vazios. Vivemos numa

civilização que teme o vazio, o nada fazer. Preenchemos o silêncio com sons, a espera com telas, a solidão com conteúdos e o tempo livre com distrações. Possivelmente porque o vazio seja perigoso. No vazio podemos finalmente escutar a nós mesmos.

Se Marcel Proust reencontrava o tempo através da memória involuntária, nossa tarefa é reencontrar o espaço através da presença involuntária. Esses momentos inesperados em que a atenção repousa, o corpo desacelera e o mundo volta a nos atravessar. Um espaço devolvido pelo tempo, revelado por um objeto, visitado pelo silêncio, habitado pelo vazio e reconquistado pela autonomia.

6. Tela verde

O filósofo e urbanista francês Paul Virilio acreditava que a aceleração produz desaparecimento. Quanto mais rápido nos movemos, menos percebemos o espaço. Quanto mais imagens consumimos, menos experimentamos o mundo. A velocidade não altera apenas nossa relação com o tempo; ela modifica nossa capacidade de percepção. Em um fluxo contínuo de estímulos, a representação passa a ocupar o lugar da experiência. Como alerta Virilio: “A

velocidade com que a informação circula não só compri-miu o tempo, mas também despedaçou a continuidade da percepção, produzindo uma visão fragmentada, quase disléxica, da realidade.” (Virilio, 1986). A tela deixa de representar o mundo e passa a substituí-lo.

Sempre lembro de uma intervenção da MTV Brasil nos anos noventa. O canal interrompia ocasionalmente sua programação para exibir uma tela preta acompanhada de uma frase simples: “Desligue a televisão e vá ler um livro”. A mensagem surgia como uma falha no sistema. Junto dela vinha um ruído incômodo que me arrancava da passividade na relação com a TV. Durante alguns segundos, a programação desaparecia e, justamente por desaparecer, revelava a existência de algo para além dela. Uma pequena interrupção que devolvia ao espectador a possibilidade de escolha.

Se fosse criar uma versão contemporânea daquela intervenção, proporia um *Dia da Tela Verde*. Durante vinte e quatro horas, milhões de pessoas substituiriam fotografias, vídeos, opiniões e performances por uma única ima-



Figura 3. Totem publicitário. Fonte: IA

gem verde-flúor, um quadrado, semelhante aos fundos de chroma key utilizados no mercado audiovisual. Um enorme vazio visual atravessando os feeds. Uma pausa na enxurrada imagética. Uma pedra na engrenagem da atenção. Um bug coletivo. A tela verde é curiosa porque não mostra nada; ela existe para que outra coisa possa ser colocada em seu lugar. Talvez por isso seja a imagem perfeita para o nosso tempo. Um lembrete de que por trás das imagens ainda existe espaço. E que por trás da representação ainda existe mundo.

7. A cidade quer respirar

Em 2020, em plena pandemia da COVID-19, o pedido era simples: fique em casa. A orientação de isolamento social emitida pelas autoridades era necessária para conter o avanço da doença, mas, ao mesmo tempo, entregou-nos de mão beijada às plataformas digitais. O consumo de telas tornou-se inevitável. Trabalhamos por elas, nos informamos por elas, nos divertimos por elas. Os números mostram que o comércio eletrônico cresceu de forma exponencial naquele período. Sem acesso ao espaço público, confinados ao espaço privado, nossos desejos precisavam encontrar alguma forma de escoamento.

Nas saídas esporádicas para comprar suprimentos comeci a perceber algo curioso. Alguns grupos sociais continuavam ocupando a cidade apesar dos riscos de contaminação. Quem eram aquelas pessoas? Não se tratava de negacionistas nem de terraplanistas. Eram, em grande parte, indivíduos em situação de vulnerabilidade ou pessoas que simplesmente não possuíam um espaço privado minimamente adequado para suportar o confinamento. Muitos jovens das periferias preferiam permanecer numa praça a passar o dia inteiro dentro de casas pequenas, frequentemente atravessadas por dificuldades econômicas, tensões familiares e sofrimento psicológico. De maneira paradoxal, o vazio das ruas — e o consequente desaparecimento de parte dos conflitos cotidianos — parecia relaxar aqueles jovens.

Passei a frequentar esses encontros improvisados. Andávamos de skate, trocávamos ideias e imaginávamos futuros possíveis. Foi então que percebi outra transformação silenciosa. Com a drástica redução da circulação

de pessoas, os anunciantes deixaram de anunciar. As vitrines urbanas — outdoors, painéis luminosos, totens publicitários — passaram a exibir o vazio. As imagens fáticas, como Paul Virilio denominava as imagens produzidas para capturar nossa atenção, desapareceram temporariamente da paisagem. Sem a circulação das presas, os predadores recolheram as iscas. A cidade foi presenteada com uma espécie de silêncio visual.

Ao mesmo tempo que esse vazio agradava ao meu olhar, ele também despertava outro desejo: ocupá-lo. Hackear os espaços do consumo e introduzir neles outras mensagens, outras palavras, outros imaginários. Passei a utilizar os totens vagos como suporte para ideias desviantes, capazes de olhar para aquela situação de emergência não pela perspectiva do Estado nem pela dos negacionistas, mas pela ótica do sutil, do poético e do desvio. Decidi vandalizar o vazio. Escrevi neles frases como: “Não há salvador”, “Nada volta ao normal” e “Modifique em casa”.

O vazio produzido pela pandemia, apesar de toda a tragédia que carregava, permitiu vislumbrar outras possibilidades de cidade. Outras formas de ocupar o espaço urbano. Enquanto a maior parte da população permanecia capturada pelas telas, ainda era possível perceber algo raro acontecendo do lado de fora. A cidade respirava. Sem parte do ruído publicitário, sem o congestionamento permanente de corpos, carros e imagens, surgia por alguns instantes uma paisagem capaz de revelar aquilo que normalmente permanece escondido pela velocidade.

8. A terra é redonda, mas a tela é plana

Às vezes tenho a sensação de que nos agarramos com enorme facilidade a qualquer dispositivo capaz de ocupar nossa atenção. Penso que eles nos poupem da tarefa mais difícil de todas: olhar para nós mesmos. As telas oferecem uma distração permanente diante das angústias, incertezas e contradições da condição humana. São dispositivos de diluição da presença, tanto da nossa quanto de quem nos cerca. Ao carregar o celular como uma prótese para todos os lados, estamos prontos para, a qualquer momento, cancelar nossa presença e nos tornarmos ausentes, pelo menos de atenção.

Orbitamos ao redor de superfícies luminosas que nos apresentam versões editadas da realidade, representações de quem gostaríamos de ser, de como gostaríamos de viver e até mesmo de como gostaríamos de ser vistos. A experiência direta do mundo vai sendo substituída por sua imagem, como se a representação pudesse ocupar o lugar do real. É aquilo que gosto de chamar de telaplanismo — ou telaplanismo: uma condição em que a tela deixa de ser uma janela para o mundo e passa a ser o centro dele.

Na última década fomos assombrados por diversas ideias negacionistas, entre elas a possibilidade de a Terra ser plana. Reagimos com veemência a essa tentativa de distorção do formato do planeta, mas talvez não tenhamos percebido uma ameaça muito mais sorrateira, colocada diariamente na palma das nossas mãos: o telaplanismo.

A tela tornou-se a maior estrela do nosso sistema solar. Assim como os planetas gravitam ao redor do Sol, nossa atenção passou a gravitar ao redor dela. Nas ruas vemos por todos os lados rostos bronzeados pela luminosidade espetacular dos algoritmos. Fomos ninados pelo balanço hipnótico das redes. Sonolentos, aceitamos tudo o que nos é oferecido pelo espelho narcísico das plataformas. Uma pergunta se impõe: qual é o seu tempo de uso? Quanto tempo do seu dia você entrega ao aparelho?

Aqui não quero questionar a potência do celular enquanto objeto tecnológico. Sabemos que, quando bem utilizado, ele é uma extraordinária ferramenta de ampliação das possibilidades humanas. O que incomoda não é o aparelho em si, mas a enxurrada de imagens, estímulos e informações à qual ele nos expõe continuamente. Tornando uma espécie de extensão do corpo contemporâneo, o celular acorda e dorme conosco, acompanha nossos deslocamentos, ocupa nossos intervalos e, pouco a pouco, captura a atenção dos desatentos.

É como se estivéssemos todos trabalhando sem remuneração para as Big Techs. Produzimos conteúdos diários, curtimos, compartilhamos, comentamos e mantemos o sistema em funcionamento. Evidentemente, nem tudo que circula nessa vala social é esgoto. Com

algum esforço, ainda é possível decantar conteúdos úteis, encontrar conhecimento, construir relações e ampliar horizontes. O problema é que a máquina de captura da atenção é voraz, sofisticada e extremamente eficiente. Por isso, moderar a exposição me parece um caminho sensato. Da mesma forma que selecionamos aquilo que comemos, deveríamos estar atentos àquilo que vemos. Uma dieta visual é necessária no nosso tempo. Aqui o peixe não mais morre pela boca, mas pelos olhos.

9. A cidade quer brincar

Na minha dissertação de mestrado, *Sistema Desviário – Entropia Visual no Espaço Urbano* (Lisboa, 2025), chamo atenção para a urgência de reduzir o tempo de uso dos aparelhos e ampliar nosso tempo de rua. Segundo dados do relatório *State of Mobile 2022*, publicado pela App Annie, passamos cerca de cinco horas por dia alisando a superfície dos smartphones. Somos dedicados nessa relação que mistura consumo e alienação. Mas quanto tempo dedicamos ao consumo do espaço urbano? Quanto tempo investimos simplesmente em estar presentes na cidade?

Na maior parte das vezes atravessamos os territórios coletivos acelerados, encapsulados em veículos privados, distraídos, seguindo rotas calculadas que nos levam de um ponto ao outro. Raramente nos expomos ao risco de parar, permanecer e habitar os espaços comuns.

A cidade, que também é um organismo vivo, deseja nossa presença. Precisa dos nossos desvios, dos nossos imprevistos. Ela quer brincar com quem sabe brincar. Quando aplicamos a lentidão a essa relação, uma nova ótica semiótica surge. Tornamo-nos capazes de conversar com o lugar, trocar ideias, produzir encontros capazes de romper, ainda que momentaneamente, com a hegemonia da lógica capitalista.

São essas “microrresistências dissensuais”, conceito desenvolvido pela pesquisadora Paola Berenstein Jacques, que desarticulam, de maneira sutil, os regimes urbanos do espetáculo e do controle. Como afirma a autora: “O errante, ao buscar o estranho no cotidiano familiar, vai de encontro a esta alteridade e, assim, instaura o dissenso,

que é precisamente o pressuposto básico que possibilita a constituição de qualquer esfera pública.” (Jacques, 2012). Dessa forma, é a rua que nos atravessa. É ela que, por alguns instantes, nos salva do individualismo corrosivo.

10. Lentos e graciosos

O geógrafo baiano Milton Santos chamava atenção para a importância dos homens lentos, aqueles que permanecem capazes de perceber aquilo que a velocidade torna invisível. Talvez sejam os últimos guardiões da experiência. Os últimos capazes de habitar plenamente uma rua, uma conversa, uma praça ou um fim de tarde.

Os skatistas são um bom exemplo desses homens lentos na contemporaneidade. Em grupo, deslizam pelas ruas numa velocidade adequada ao convívio e ao compartilhamento. Possuem tamanha familiaridade com o espaço urbano que são capazes de transmutá-lo, readequá-lo e reivindicá-lo para suas necessidades estéticas. Apenas numa relação íntima com o território um simples banco de praça pode deixar de ser mobiliário urbano para se tor-

nar um maravilhoso tobogã. O tempo derramado sobre o território nos permite desdobrá-lo.

Milton Santos acreditava que justamente aqueles que permanecem à margem da lógica da aceleração carregam outras possibilidades de mundo. Como escreve em *Por uma Outra Globalização*: “Os excluídos, os pobres, os homens lentos, os que ainda não foram totalmente absorvidos pela lógica da globalização perversa, podem ser os verdadeiros atores da construção de um outro mundo. [...] A lentidão deles não é ignorância, é sobrevivência e, muitas vezes, também sabedoria.” (Santos, 2000).

Guardo na memória o ruído agradável das rodinhas de skate deslizando sobre o asfalto quando eu tinha quinze anos. Esse som permaneceu adormecido em algum lugar dentro de mim durante mais de duas décadas, até que, aos trinta e sete anos, voltei a subir num skate. Era a memória involuntária de Proust devolvendo-me um espaço que eu julgava perdido. Ao reencontrar o objeto, reencontrei também a rua.



Figura 4. Tapete mágico. Fonte: Arquivo pessoal

Passei a ampliar meu tempo de rua e a cultivar uma relação mais participativa com a cidade. Através do tapete mágico, como gosto de chamar o skate, pude permanecer em vez de apenas atravessar. Pude desacelerar a percepção e recuperar parte do espaço perdido para a dinâmica da sobrevivência.

11. Quem tudo sabe, nada aprende

Em conjunto, os autores aqui citados sugerem que a crise contemporânea não é apenas uma crise de tempo, mas uma crise de presença. A velocidade produz informação, mas empobrece a experiência; o excesso de imagens amplia o olhar, mas reduz a percepção; o acúmulo de posses, dados e estímulos dificulta o caminhar. Todos parecem apontar para a mesma necessidade: desacelerar para recuperar o espaço — não apenas o espaço geográfico das cidades, mas também o espaço interior onde algo ainda pode nos acontecer.

Cada vez mais me convenço de que a crise contemporânea não é uma crise de tempo. Os dias continuam tendo vinte e quatro horas. Temos muito tempo a perder. Trata-se de uma crise de espaço. Perdemos o espaço necessário para perceber, escutar e permitir que algo nos aconteça. No foguete que embarcamos, apenas somos levados, desatentos e distraídos, com a libido capturada pelo capital, passageiros da civilização ocidental. Alguns na primeira classe, outros na econômica, mas todos arrasados pela falida ideia de ter para ser.

Acredito que a tarefa mais urgente do nosso tempo não seja administrar melhor as horas. Reaprender a habitá-las. Desligar a televisão. Deslogar das redes. Largar o celular. Ejetar da nave des governada. Caminhar sem destino. Respirar. Perder-se um pouco. Porque, num mundo em que todos parecem saber exatamente para onde estão indo, talvez o conhecimento surja justamente quando aceitamos não saber. Não preencher o vazio. Não fugir dele. Ao vazio nada falta. É dele que nasce o espaço necessário para que algo finalmente nos aconteça.

O homem continua parado, centralizado. Usa uma bela sunga verde limão e cumprimenta os que passam. O tempo para ele, não passa; fica retido na sua radiante e bron-

zeada presença. Esse homem, que também é mulher, desaprendeu tudo que podia prendê-lo. Dessa forma, sem espaço perdido e com a mente amansada, pôde parar e contemplar a atividade da imensa máquina de moer gente. Posso escutá-lo em silêncio dizer:

- Sigam-me. Estou perdido.

12. Conclusão

Cada vez mais me convenço de que não nos falta tempo. Falta-nos espaço. Espaço para perceber, escutar, errar o caminho, contemplar uma praça, conversar sem pressa ou simplesmente permanecer. A aceleração nos prometeu eficiência, mas cobrou como pagamento nossa atenção. As telas nos conectaram ao mundo, mas muitas vezes nos afastaram do lugar onde estamos. Recuperar o espaço perdido é justamente recuperar a capacidade de habitar o presente. Fechar os olhos por um instante. Respirar. Diminuir a velocidade. Botar presença. Porque, no fim das contas, aquilo que transforma uma vida não é a quantidade de informações que acumulamos, mas a qualidade das experiências que nos atravessam.

Referências

- Careri, F. (2017). *Caminhar e parar*. Gustavo Gili.
- Jacques, P. B. (2012). *Elogio aos errantes*. EDUFBA.
- Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20–28.
- Lao-Tsé. (2006). *Tao Te Ching: O livro do caminho e da virtude* (F. Chen, Trad.). Madras.
- Lisboa, D. C. (2025). *Sistema desviário: Entropia visual no espaço urbano* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia].
- Proust, M. (2016). *Em busca do tempo perdido* (M. Quintana, Trad.). Globo. (Obra original publicada entre 1913 e 1927)
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção* (4ª ed.). Edusp.
- Santos, M. (2021). *Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal* (32ª ed.). Record.
- Virilio, P. (1996). *Velocidade e política*. Estação Liberdade.
- Virilio, P. (2015). *A estética do desaparecimento*. Contraponto.



Figura 5. Não há Salvador. Fonte: Arquivo pessoal